

FH promete ajudar setores atingidos pela alta dos juros

Segundo o presidente, áreas como a construção civil, devem ser preservadas por criar empregos

TÂNIA MONTEIRO
e ISABEL BRAGA

BRASÍLIA — Os setores que forem prejudicados com a permanência das altas taxas de juros poderão receber ajuda do governo. O anúncio foi feito ontem pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, durante reunião com as lideranças políticas. Segundo o presidente, o governo não permitirá que áreas como a da construção civil, considerada prioritária para manter o crescimento do País e para a geração de emprego, sejam prejudicadas. A informação foi prestada pelo porta-voz da Presidência, Sérgio Amaral.

Três itens constavam da pauta que os líderes receberam durante a reunião com Fernando Henrique: "Avançar na votação das reformas, redução do déficit

fiscal em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) e redução do déficit em conta corrente em relação ao PIB." O líder do PMDB, senador Jader Barbalho (PA), questionou o ministro do Planejamento, Antônio Kandir, sobre os itens 2 e 3. Jader queria saber quais serão as medidas que permitirão a redução dos dois déficits, mas nem Kandir e nem o ministro da Fazenda, Pedro Malan, detalharam o que o governo pretende fazer agora.

O presidente e Malan fizeram um relato da situação do País para os parlamentares e asseguraram que o uso das reservas cambiais e o aumento das taxas de juros foram medidas "corretas e passageiras". Fernando Henrique, ao defender a aprovação das reformas, disse que é preciso que Congresso e Executivo "mostrem aquilo que são capazes de fazer para normalizar os mercados, para manter a atratividade da economia e para demons-

trar que o governo atua de uma forma previsível e de uma forma transparente".

Para mostrar que a economia está no "rumo certo", o presidente apresentou dados ressaltando que os problemas internacionais chegaram ao País "em um momento em que todos os indicadores apontavam em uma direção positiva". Segundo Fernando Henrique, a balança comercial apresentará um déficit comercial de US\$ 9 bilhões em 1997, valor muito inferior ao que se temia no início do ano, US\$ 15 bilhões.

Fernando Henrique prosseguiu acentuando que as exportações apresentam uma taxa de crescimento elevada, de 11%, e o déficit fiscal, em todos os seus conceitos, caminha na direção de uma redução. O crescimento, depois de cinco

anos consecutivos, mostrava que ia se elevar com uma taxa de crescimento, no último mês, da ordem de 7%, disse.

Fernando Henrique negou que as medidas anunciadas pelo governo possam levar o País à recessão. "Essas

HIPÓTESE DE
RECESSÃO FOI
REJEITADA PELO
EXECUTIVO

previsões não têm o menor fundamento porque não se sabe quanto tempo essas taxas de juros permanecerão elevadas", disse Amaral. Segundo ele, não haverá recessão também porque as taxas de juros poderão ser reduzidas "rapidamente".

O presidente não quis precisar prazo para a redução das taxas de juros. "Se for possível acelerar a votação das reformas no Congresso e das outras medidas que estão lá, as taxas de juros poderão ser reduzidas, de uma forma bastante rápida, o que levará a economia a retomar a trajetória de crescimento em que se encontra nesse momento."

Malan, por sua vez, observou que as medidas já adotadas têm por objetivo "defender o País das incertezas e eventuais turbulências do futuro" e o esforço poderá ser consolidado com a aprovação das reformas, que reduzirão o déficit e em contas correntes.



Ed Ferreira/AE

Malan: "Medidas tomadas pelo governo foram corretas e passageiras"